

8 mai 2022  
Concerto Sinfónico

**Orquestra Sinfónica  
Portuguesa**

Luís de Freitas Branco

**Luís de Freitas Branco (1890–1955)**

Concerto para violino e orquestra

I. *Allegro*

II. *Andante (a piacere). Moderato*

III. *Allegro (come nel primo movimento)*

Sinfonia n.º 2 em Si bemol menor

I. *Andante – Allegro*

II. *Andantino con moto*

III. *Allegro vivace*

IV. *Adagio – Allegro*

Violino **José Pereira**

Direção musical **Bruno Borralhinho**

**Orquestra Sinfónica Portuguesa**

(Maestro titular **Antonio Pirolli**)

---

**Conselho de Administração do OPART, E.P.E.**

Presidente, Conceição Amaral

Vogal, Alexandre Santos

**Direção Artística Teatro Nacional  
de São Carlos**

Elisabete Matos

---

**Conselho de Administração do CCB**

Presidente, Elísio Summavielle

Vogal, Madalena Reis

Vogal, Delfim Sardo

---

# **Luís de Freitas Branco (1890–1955)**

## **Concerto para violino e orquestra**

### **Sinfonia n.º 2 em Si bemol menor**

Luís de Freitas Branco está para a Música assim como Fernando Pessoa e Amadeo de Souza Cardoso estão para a Literatura e para a Pintura: introdutor do Modernismo, é um compositor incontornável no panorama musical do século XX em Portugal.

Nascido em 1890, no seio de uma família aristocrata, parte muito jovem, em 1910, para estudar em Berlim, onde contactou com as mais recentes correntes impressionistas. Fascinado com a música de Debussy, compositor que acabaria por conhecer, em Paris, em 1911, Freitas Branco seria muito influenciado pela estética impressionista. Das obras mais relevantes que compôs durante a intensa estadia nas grandes cidades europeias destacam-se os poemas sinfónicos *Paraísos Artificiais* (1911) e *Vathek* (1913), ambos para orquestra, nos quais, para além de já se notar a influência debussyana, o compositor combina o modalismo com o atonalismo; na *III Variação* de *Vathek*, atreve-se mesmo a trilhar caminhos politonais nunca antes experimentados, numa micropolifonia a 59 partes, que apenas encontrariam o seu espaço próprio, nos anos 1960, nas práticas de um Ligeti ou de um Xenákis.

Se aparentemente com a Sonata para violino e piano, de 1907, composta com 17 anos de idade, ficariam para trás as experiências cíclicas inspiradas em César Franck, Freitas Branco retoma este tipo de abordagem no Concerto para violino e orquestra, quase uma década depois, em setembro de 1916, após o regresso a Lisboa. O Concerto para violino é uma das suas obras mais puramente clássicas inspirada em Beethoven, que muito apreciava, e sobre o qual escreveu dois livros editados pela Biblioteca Cosmos. O cariz cíclico da peça faz-se de novo sentir: o tema inicial do primeiro andamento, assaz másculo, numa orquestração pujante, é retomado no terceiro andamento, no final da cadência do violino; de igual modo, a meio do segundo andamento, reaparece, mas num outro registo lírico e sonhador, com um acompanhamento envolvente da harpa.

No final de 1916, entra como professor para o Conservatório Nacional e assume o cargo de subdiretor entre 1919 e 1924. Nesta instituição, em conjunto com Vianna da Motta, operou uma das reformas mais profundas no ensino da música em Portugal, com a criação de novas disciplinas de cultura geral e de ciências musicais (acústica, história da música e estética) que, malgrado, seria neutralizada nos anos 1930 pelo

Estado Novo. Na sequência deste cerco apertado por parte do regime salazarista, após uma sindicância movida em 1939, foi destituído do cargo de professor, e em 1951 foi compulsivamente dispensado de colaborador na Emissora Nacional por ter comparecido nos estúdios da rádio com uma gravata avermelhada, no dia a seguir ao falecimento do presidente Óscar Carmona (ao que consta por distração e não por determinação própria). O prolífico divulgador de música, com palestras recorrentes, programas de rádio, artigos de imprensa e publicações de carácter musicológico, viu-se, assim, no final da vida, disparatadamente ostracizado e numa difícil situação financeira. Morreria em 1955 com 65 anos.

Foi em 1924, após um breve interregno na escrita musical, que o compositor se entregou à composição do grande género da sinfonia no qual vai concertar o neoclassicismo beethoveniano e a conceção cíclica franckniana, com os idiomas musicais mais modernistas, num inteligente ecletismo musical. As circunstâncias que estão na génese da Sinfonia n.º 2, composta em 1926, relacionaram-se com um acontecimento familiar: a sua irmã Maria Cândida recolheu a um convento das Carmelitas Descalças em Espanha e, em sua lembrança, não só utilizou como fonte recorrente um cântico religioso cristão, como lhe viria a dedicar a obra. Apesar da utilização por empréstimo de um tema modal gregoriano, um *Tantum Ergum* em modo de ré plagal, é a mais tonal de todas as sinfonias que compôs. Na quarta sinfonia empregaria de igual forma um canto gregoriano como raiz cíclica; terminada em 1952, a última sinfonia é considerada a obra-prima de maturidade do compositor.

Numa estrutura tradicional em quatro partes, no primeiro andamento da Sinfonia n.º 2, após uma brevíssima entrada frenética da orquestra, a melodia gregoriana surge de forma coral, nas madeiras, num *Andante* de uma espiritualidade extraordinária; mais à frente, na reexposição, a melodia reaparece solenemente veiculada pelas cordas com surdina. A contrariar esta ambiência contida temos um tema do *Allegro* que irrompe impetuoso e dramático seguido de um outro, fresco e prazenteiro. No segundo andamento alternam três temas, numa arquitetura cuidada de sucessivas harmonias modais. O *Scherzo* retoma o canto gregoriano, embora não perceptível, pelo trabalho alterado numa atmosfera nervosa e inquieta, com ritmos cavalgantes, e a este nervosismo opõe-se um momento de grande serenidade pueril, numa secção intermédia. No quarto andamento, em forma-sonata como o primeiro acentuando a simetria clássica da obra, surge de novo, para terminar, a citação da melodia gregoriana nos metais.

**Teresa Castanheira**



© Susana Chicó

**Luís de Freitas Branco  
está para a Música assim  
como Fernando Pessoa  
e Amadeo de Souza  
Cardoso estão para  
a Literatura e para a  
Pintura: introdutor  
do Modernismo, é um  
compositor incontornável  
no panorama musical  
do século XX em Portugal.**

---

## José Pereira

Violino

Iniciou os seus estudos musicais na Banda Musical Lanhelense. Mais tarde, José Pereira estudou na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo com Armando Gonzalez e na Academia Nacional Superior de Orquestra com Aníbal Lima.

Em 2003, recebeu o 2.º prémio e, em 2004, o 1.º prémio em violino — nível superior no Prémio Jovens Músicos da RDP/Antena 2. Trabalhou com inúmeros maestros e orquestras, nacionais e internacionais, com os quais participou em diversas gravações. Atualmente, José Pereira é membro do Remix Ensemble Casa da Música, é 2.º Concertino na Orquestra Metropolitana de Lisboa e professor de violino na Academia Nacional Superior de Orquestra.

## Bruno Borralhinho

Direção musical

O maestro e violoncelista português Bruno Borralhinho é diretor artístico do Ensemble Mediterranin e membro da Orquestra Filarmónica de Dresden. Dirigiu a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Filharmonie Bohuslava Martinů, a Orquestra Sinfónica do Paraná, a Orquestra Municipal de Campinas, a Orquestra de Câmara Alemã, a Orquestra Sinfónica de Berlim e a Orquestra Filarmónica de Dresden, e colaborou com solistas de prestígio internacional como Camilla Nylund, Tara Erraught, Lothar Odinius, Peter Bruns ou Javier Perianes. Licenciado em Música na Universität der Künste de Berlim, obteve um mestrado em Gestão Cultural na Universitat Oberta de Catalunya (Barcelona) e é doutorado em Humanidades pela Universidad Carlos III de Madrid. Ao longo da sua carreira, dirigiu e tocou em algumas das mais importantes salas por toda a Europa, Rússia, Estados Unidos, Canadá, Coreia do Sul, Japão e América do Sul.

## Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos, participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O Anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como no Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, no Prémio Jovens Músicos-RDP e na Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli.



APOIOS

idealista



PARCEIRO PARA A COMUNICAÇÃO

ANTENA 2

# Já a seguir:

MÚSICA BARROCA – ESTREIA NACIONAL

**AVRES SERVA**

*Oratória de São*

*João Baptista*

**29 maio 2022**

Alessandro Stradella ficou famoso por ter sido assassinado e não tanto pela sua música. Da sua obra constam cerca de 200 cantatas, música sacra e instrumental. *San Giovanni Battista*, a mais conhecida das suas oratórias, relata a história da morte de João Baptista nas mãos do carrasco do rei Herodes, conforme solicitado por Salomé, que enfeiteia o monarca com a sua dança sedutora, tendo esta pedido a cabeça do profeta em troca. A estreia nacional ficará a cargo do agrupamento AVRES SERVA, dirigido por Nuno Oliveira, com a participação dos solistas Ana Paula Russo, Clint van der Linde, João Fernandes, Mariana Castello-Branco e Rodrigo Carreto.

Pequeno Auditório, 16h00, M/6 anos

AVRES SERVA, Nuno Oliveira © Cláudio Carvalho



**CCB**  
**my CCB**  
app.ccb.pt



**Quanto mais usas,  
mais recompensas ganhas**

**Regista-te já e acumula pontos**

**Funciona  
offline  
e não ocupa  
espaço**

**Faz já o  
download...**

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA  
A TEMPORADA 2021/2022



PROJETO CCB – CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

